

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

05 a 18 de Novembro de 2019 | Nº 193 | Ano VIII • Director: José Luís Mendonça

..... Kz 50,00

LETRAS

Pág.
5-6

A tradução literária que ainda (não) se faz



ECO DE ANGOLA

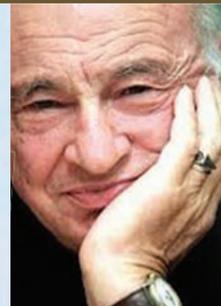
Pág.
3-4

ONDJANGO
Filosofia Social e Política Africana



DIÁLOGO INTECULTURAL

Pág.
10-11



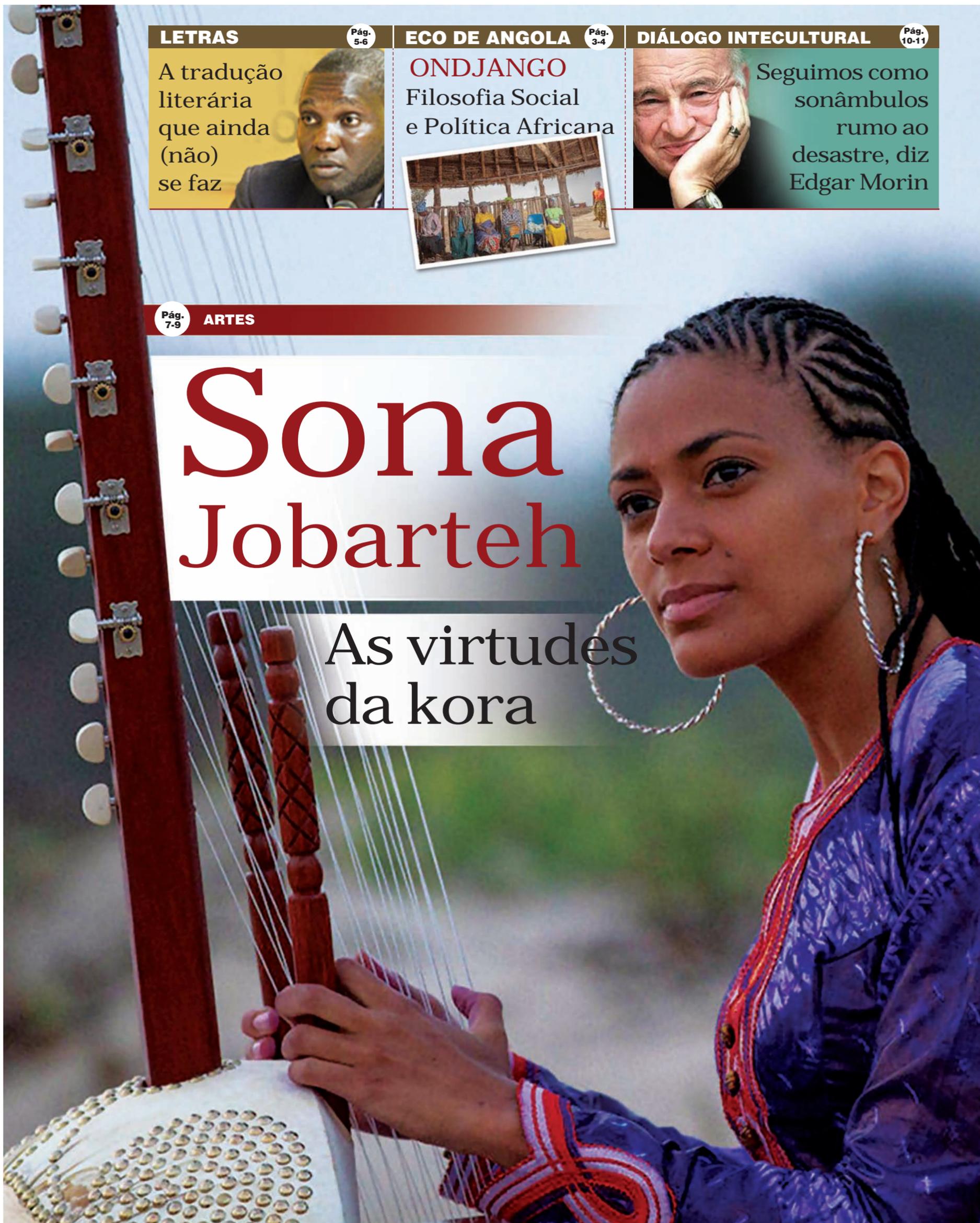
Seguimos como sonâmbulos rumo ao desastre, diz Edgar Morin

Pág.
7-9

ARTES

Sona Jobarteh

As virtudes da kora



Poesia de Cabo Verde



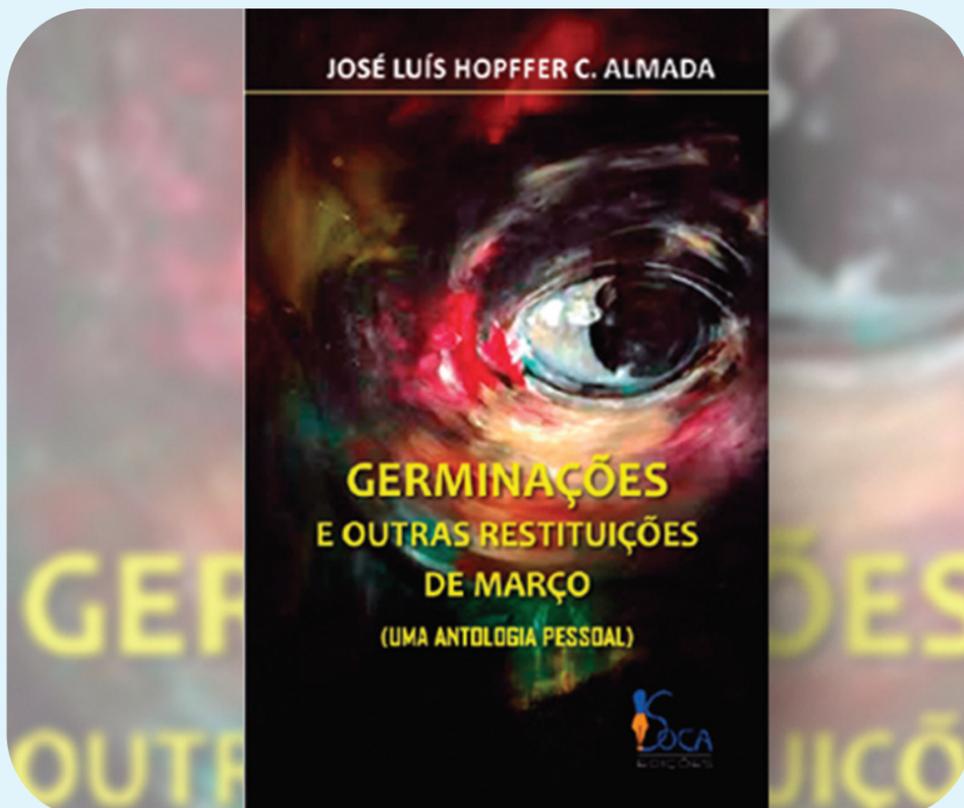
José Luís Hopffer Almada

O AMOR É...

*O amor é uma chatice
uma âncora ilusória
prende e retém a alma
prisioneira fá-la
exaurir-se em cinza*

*Dizes o amor é um pântano
anula o mar da vida entorpece
os passos e outros sinais encaçados
doravante maculados na devastada
solidão que todavia intenta soerguer-se
do escasso fogo das faúlhas desfalecidas
em paixão reacendendo-se sobrevivias
ardentes crepitando redivivas vívidas
soletra o meu busto debruçado
sobre o frio perfil do silêncio
inconstante presságio do abismo
infalível habitáculo da dúvida*

in "Germinações e outras restituições de Março (uma antologia pessoal)



Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e resenhas bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade



Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção: 222 02 01 74 | **Telefone geral (PBX):** 222 333 344
Fax: 222 336 073 | **Telegramas:** Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração

Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos

Caetano Pedro da Conceição Júnior,
José Alberto Domingos, Rui André
Marques Upalavela, Luena Kassonde
Ross Guinapo

Administradores Não Executivos

Filomeno Jorge Manaças
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 193/Ano VIII/ 5 a de Novembro de 2019
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:

José Luís Mendonça

Editor:

Gaspar Micolo

Departamento de Paginação:

Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto),
Adilson R. Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa
e Waldemar Jorge

Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:

Angola: Arminda Fernando Filipe, João Ngola Trindade,
Luamba Muinga,

Cabo Verde: José Luís Hopffer Almada

Brasil: Úrsula Passos,

Inglaterra: Helen Briggs

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:

Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha,
Correio da Unesco, Modo de USAR & CO, História.com,
Obvious Magazine e Engenharia é.



ONDJANGO

Filosofia Social e Política Africana



ARMINDA
FERNANDO
FILIPE

INTRODUÇÃO

O Ondjango é uma hipótese de trabalho como exemplo de uma realidade social e especificidade cultural africana, esquecida, que ajuda a encontrar e compreender alguns pressupostos para a construção do pensamento africano contemporâneo. Os confrontos interculturais entre a ciência moderna e os processos de conhecimento multicultural em África permitiram o eclodir do pensamento e do saber codificado na África bantu, nas décadas de 50 a 70. Julgamos que, apesar dos limites do espaço que o Ondjango apresenta, encontramos nele referências que comportam possibilidades sociais e culturais que podem ser equacionadas no âmbito das políticas sociais face à realidade do espaço público africano contemporâneo (cf. Filipe, 2018:9).

DO ONDJANGO À FILOSOFIA

SOCIAL E POLÍTICA AFRICANA

Urge questionarmos o que é o Ondjango? O Ondjango é um dos espaços públicos africanos, é um *modus vivendi*, *essendi et pensandi* dos africanos. Nesta obra, este espaço tradicional é tomado como uma hipótese de reflexão para a identificação e compreensão de alguns pressupostos necessários à construção do(s) espaço(s) públicos africanos contemporâneos. É uma obra que emergiu da necessidade de redescobrir o caminho da filosofia social e política africana, a partir da realidade antropológica do Ondjango.

A obra espelha a problemática dos espaços Ondjango e evidencia o contributo para a construção da filosofia social e política africana, e desvela a democracia presente nesse espaço tradicional (cf. Filipe, 2018:37). A obra, portanto, sublinha o propósito do Ondjango evoluir e ser requalificado para ser considerado um espaço de conhecimento e construção de sentido em África. Ou seja, revalidar na cultura tradicional, pressupostos para a compreensão das especificidades do pensamento africano e para a construção do espaço público africano contemporâneo. A obra não pretende apresentar o Ondjango como modelo para solução de alguns problemas africanos, mas sim como fonte de problematização das referências que comportam possibilidades sociais e

culturais que podem ser equacionadas no âmbito das políticas sociais face à realidade do espaço público africano contemporâneo. Referimos a este propósito José Castiano (2010:200):

A filosofia política busca uma liberdade, onde a liberdade do Eu-africano torna-se um valor intrínseco à sua própria existência como sujeito (...) Ou seja, a liberdade do sujeito africano de falar por si, de construir o seu próprio discurso sobre a sua condição de existência (...) Trata-se da liberdade de ter o direito de ser sujeito da sua história e do pensamento sobre si mesmo.

E, assim, de acordo também com Severino Ngoenha (1993:159): «Para a filosofia política africana significa que as políticas a adoptar devem garantir aos povos a possibilidade real de escolher os próprios ideais, os próprios fins, ou seja, apropriar-se do próprio destino e de assumir e guiar a própria história».

Ao reflectir sobre os aspectos mais relevantes dessa antropologia cultural tradicional que desvela o modo de pensar de alguns povos africanos, a obra evidencia que o Ondjango tradicional constitua o espaço do qual dimanam as regras que orientam as comunidades de alguns povos bantu, por ser concebido como espaço público tradicional da comunidade, onde acontece o encontro e a escuta da pala-

vra. Pois, nesse sentido é considerado espaço da comunicação (cf. Filipe, 2018: 21-23). No Ondjango, a palavra tem grande valor dinâmico e vital.

A obra reflecte sobre os diversos espaços Ondjango como fundamento, onde pode ocorrer a partilha, a criação, o confronto entre a existência humana e o cosmos. Evidencia o novo sentido que descobrimos do espaço Ondjango que, para além de ser concebido como casa do encontro, compreende também as várias dimensões antropológica, social, cultural e política da filosofia africana (cf. *ibidem*: 37-58). O Ondjango pode constituir-se, como conceito e problemática; como uma das expressões do conhecimento e construção de sentido da filosofia africana. Porque o consideramos uma das possibilidades de experiência sobre políticas de participação e de cidadania na construção dos diferentes espaços contemporâneos africanos.

O Ondjango pode concorrer, hoje, para a reflexão e (re-)conceitualização do conceito de espaço público africano contemporâneo. Também pode ser reequacionado à luz dos desafios que são colocados hoje às sociedades africanas. Quer dizer, se temo-lo como um modelo, não é, contudo, um modelo estático.

É uma obra que reflecte sobre os mitos e as artes. Pois que, a filosofia do Ondjango comporta conhecimentos e práticas com base na oralidade e nos mitos, nos ritos e nos símbolos. No espaço Ondjango, o mito além de referir-se sobre a força da resistência, sublinha as dimensões educacional, pedagógica, dialógica e ética (cf. *ibidem*: 59-92).

Estas dimensões podem ser constatadas no mito narrado por Boaventura Cardoso (1987:19-21): «Disfarçada no meio do capim ainda Mãe Fina rodeada de homens mascarados tocando batuques, fazendo algazarra (...). Mãe Fina começou, então, a dançar ao ritmo dos batuques (...). Acabou a dança. Tudo tinha desaparecido: misteriosamente (...). Vinha transfigurada, envelhecida». É nessa articulação entre as manifestações artísticas, enquanto formas de discursos, de expressão e de linguagem do pensamento humano, de expressão de vida, criação e construção, que o ondjango respeita à filosofia africana.

Isto é evidenciado nas noções fundamentais do espaço Ondjango porque estão radicados direitos e deveres iguais para todos e evidenciam a abertura do espaço Ondjango para a sua articulação com os espaços públicos africanos. E, através da prática dessas noções, pode contribuir também para que a África seja transformada num lugar mais humano, num lugar de hospitalidade. É evidente, com a noção de centralidade, que o homem se revele como indivíduo em comunidade e não um ser isolado. Ao passo que a noção de circularidade valoriza o indivíduo como centro para o qual convergem as políticas sociais do Ondjango. Solidariedade é uma noção que incide sobre as seguintes questões: partilha, fraternidade, direitos e deveres do indiví-

duo na comunidade. Uma outra noção que a obra destaca é a de reciprocidade. Com esta se evidencia uma relação dialógica e sublinha-se a importância do acolhimento recíproco que existe entre membros da comunidade do Ondjango e membros de outras comunidades, dando relevância ao outro diferente de mim. Finalmente, na noção de hospitalidade reflecte sobre a importância do vínculo que existe entre os homens, sublinhando a dimensão ética que se estabelece no acolhimento interpessoal (cf. *ibidem*: 115-124).

A reflexão incide também sobre o contexto histórico da filosofia africana e sobre possibilidades de a equacionar hoje. Julgamos que o Ondjango pode vir estabelecer o diálogo criativo entre a praxis política e a cultura de alguns povos africanos, porque pode vir a ser uma via de reflexão que pode ser entendida na linha de uma filosofia social e política africana. Pois, de alguma maneira, pode contribuir para se rever as políticas sociais de alguns países africanos que violam os direitos humanos, silenciam a voz do povo e formam pequenas elites que consideram a política como uma melhor via de enriquecimento rápido.

Entre vários problemas da maioria dos países africanos, a obra destaca as assimetrias sociais, a falta de liberdade política em alguns países que se declaram democráticos e a corrupção praticada por parte de altos dirigentes. Daqui a necessidade da obra reflectir sobre as forças antagónicas. Referimos a este propósito Siro Caetano (2002:21): «Penso que uma filosofia política poderia ajudar a compreender e corrigir muitos aspectos errados da política em curso, de modo que a política seja um verdadeiro serviço ao povo, às pessoas concretas que formam este povo, e não se servir da política para servir os próprios interesses» Isto porque, citamos o mesmo autor: «O sujeito da política é o homem. Mas uma boa ou má política depende, em grande parte, da concepção que se há do homem. Uma visão errónea do homem conduzirá a uma política igualmente errada, e uma visão exacta do homem é provável [que] dê uma boa política» (*ibidem*, 2002: 25).

Ao reflectir sobre a filosofia política africana, a democracia e os direitos humanos em África, a obra evidencia alguns problemas em torno dos direitos sociais, entre outros, como a falta de liberdade política, de expressão e de autonomia política, o analfabetismo, a ignorância, o partidismo e a ilegalidade política. O Ondjango apresenta-se, neste sentido, como um contributo para a filosofia social e política africana. O Ondjango, na relação com o outro, comporta uma experiência, ao mesmo tempo, humana, social e política. O Ondjango é o espaço onde o indivíduo aprende a ter o direito de falar e dever de ouvir, no qual experiencia e exercita a praxis política democrática.

Ao reflectir sobre algumas implicações sociais, a obra constata que, hoje, a filosofia africana deve consistir na busca do sentido da vida e do horizonte do desenvolvimento do continente



africano e o pensamento ondjangoniano pode contribuir na constatação de algumas incongruências consideradas como forças antagónicas que se resumem em quatro pressupostos: gestão dos recursos financeiros não-transparente, inconsistência técnico-científica, instabilidade económica e incoerência política. Esses quatro pressupostos, pensamos, constituem o foco da instabilidade política e económica da maioria dos países africanos (cf. Filipe, 2018:125-130).

A obra reflecte também sobre a educação contemporânea em Angola face à educação do Ondjango e sobre a pertinência da educação filosófica neste País. A educação filosófica tem um papel fundamental e determinante na formação integral dos indivíduos. Pois, ajuda a questionar, ou seja, esclarecer os conceitos ligados à política, tais como: justiça social, bem comum, Estado, tolerância, sociedade, desenvolve competências, atitudes e valores que garantem e contribuem para o desenvolvimento sustentável das sociedades contemporâneas (cf. *ibidem*: 131-144).

Assim, a obra reflecte sobre os limites e as críticas, ruptura e projecção do Ondjango. Os limites são as insuficiências do espaço Ondjango face aos desafios actuais do mundo globalizado, o perfil do homem de hoje e os modelos de novos espaços sócio-culturais e políticos que apresenta (cf. *ibidem*: 145-156).

CONCLUSÃO

No início deste artigo, especificamos que o «ONDJANGO – Filosofia Social e Política Africana» seria o problema da nossa reflexão que nos ajudaria a evidenciar o pensamento filosófico africano presente nos diversos espaços

tradicionais africanos. Ao reflectir sobre os aspectos acima mencionados, a obra sublinha que o desenvolvimento dos povos Bantu, também, passa pelo fundamento da singularidade das suas filosofias que articulam a existência do ‘mundo bantu’. Esse ‘mundo’ deve-se tornar espaço de enfrentamento e de problematização do que constitui o fundo da questão que impede o desenvolvimento humano, social, cultural, técnico-científica e económico do continente africano. Em síntese, conclui-se que, esta obra pode ser considerada como o ponto de partida para a reflexão crítica sobre a génese e desenvolvimento do(-s) espaço(-s) público e comum africano(-s).

Referências bibliográficas

- CAETANO, Siro Francisco (2002), *A Pessoa Humana e a Sociedade na Filosofia Política de Jacques Maritain*, Roma: LEBERIT.
- CARDOSO, Boaventura (1987), *A morte do velho Kipacaça*, Luanda: Edições Maianga.
- CASTIANO, José P. (2010), *Referências da Filosofia Africana: Em busca da intersubjetivação*, Maputo: Sociedade Editorial Ndjira.
- FILIFE, Arminda Fernando (2018), *ONDJANGO – Filosofia Social e Política Africana*, Viana: ECO7.
- NGOENHA, Severino Elias (1993), *Filosofia Africana. Das independências às liberdades*, Maputo: Paulistas-África.

Arminda Fernando Filife Nasceu no Ebo, província do Kwanza-Sul. É Licenciada e Mestre em Filosofia, Teologia e Ciências da Educação, pela Uni-



versidade Católica Portuguesa do Porto. É doutorada em Filosofia, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É docente do Instituto Superior de Ciências de Educação (ISCED) do Uíge, com a categoria de Professora Associada. Lecciona as cadeiras de Filosofia Africana, Ética, História da Filosofia Medieval e Desenvolvimento Curricular nos Cursos de Licenciaturas. Lecciona, também, o módulo de Teoria e Desenvolvimento Curricular nos Cursos de Mestrados em Pedagogia e em Psicologia Escolar, na referida Instituição. É investigadora colaboradora do Grupo de Investigação Philosophy and Public Space do Instituto de Filosofia (UI&D/FCT/502) da Universidade do Porto.

GASPAR MICOLO

Conhecido pela sua poesia recentemente premiada, Hélder Simbad regressa ao mercado literário com uma obra especial: tradução literária. Licenciado em Línguas e Administração pela Universidade Católica de Angola (UCAN), o escritor e crítico literário apresenta, no dia 8 de Novembro na UCAN, a sua pesquisa "Tradução Literária: Análise Contrastiva das Traduções de Coração Telúrico de Lopito Feijóo (Inglês/Francês)".

Revelando-se uma análise à tradução literária em Angola, o autor, além do trabalho comparativo das Traduções de Coração Telúrico de Lopito Feijóo, lembra o notável vazio de traduções no país, sobretudo aquelas realizadas por profissionais angolano; justificando assim que, "a inércia nos estudos literários, a falta de instituições específicas e a inexistência duma crítica preocupada com os factos literários decorrentes da tradução", levaram o tradutor a efectuar a pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentando a necessária fundamentação teórica, a análise de Simbad incide em torno do conceito de (1) Teoria da Tradução, que é uma disciplina carecendo de especialização e vive o drama da definição de um específico objecto de estudo. Segue-se o inesgotável tema (2) a Natureza da Literatura, que, à partida, se evidencia como o primeiro obstáculo, dos muitos que o tradutor literário enfrenta, fazendo da (3) Tradução Literária a Tradução Possível, cuja (4) legitimação se deve a Manipulation School que conferiu Visibilidade ao tradutor, aproximando (5) a Tradução Literária à Criação Literária (6). O autor toma a liberdade de usar o sintagma (7) Intradutibilidade da Poesia Lírica como metáfora explicativa referindo-se à complexidade da tradução poética, finalizando com uma importante abordagem

sobre a tradução literária em Angola (8) propondo o tema: a Tradução como Reconhecimento de uma Instituição Literária.

E, sobre este último ponto, importar trazer as posições do autor, que, essencialmente, justificam a necessidade da pesquisa que efectuou. Simbad, recorrendo a testemunhos de autores nacionais, constata que "devido a falência das instituições, os escritores em Angola caminham com os próprios pés", buscando assim "a internacionalização com meios próprios". A título de exemplo, dá conta que as três versões (inglesa, francesa e italiana) do Coração Telúrico de Lopito Feijóo, nasceram da iniciativa do próprio autor. Toma ainda como exemplo o ro-

mance O Reino das Casuarinas de José Luís Mendonça, que foi traduzido para o sueco por iniciativa da tradutora sueca Gunilla Winberg, detentora da editora Santa Rei, que viria a publicar a obra na Suécia, em 2017.

"As traduções de obras de autores nacionais demonstram algum reconhecimento internacional, mas a verdade é que, Angola ainda não atingiu os níveis de muitos países africanos e o número de menções ou nomeações em prémios literários internacionais fora do espaço lusófono pode servir de barómetro para medir o impacto das obras dos escritores angolanos lá fora."

No segundo capítulo, Simbad apresenta uma abordagem crítica sobre as antinomias entre as versões francesa

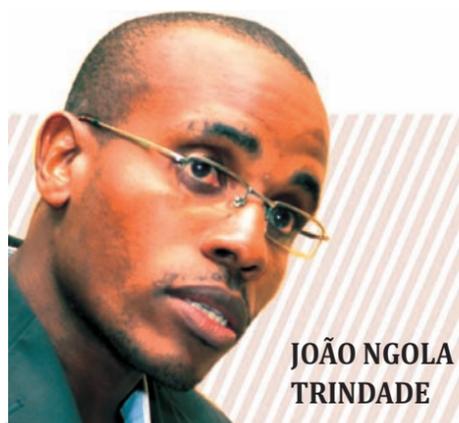
e inglesa da obra Coração Telúrico, que nasce da necessidade de internacionalização da poesia do autor, elegendo como modelo de análise a teoria de Romam Ingarden sobre os extractos de unidades de sentido.

No terceiro e último capítulo, dos anexos, o autor selecciona trabalhos de quatro colegas (Helena Timóteo, Abelina Massanga, Luísa Fresta e Agostinho João), os quais julga necessários por abordar o tema tradução. E aqui destacamos a abordagem crítica de Agostinho João sobre a versão portuguesa de Un Océan, Deux Mers, Trois continents, do escritor congolês Wilfried N'sondé, trabalho de reconhecido mérito efectuado pelo escritor e dramaturgo Mena Abrantes.

A tradução literária que ainda (não) se faz



Memórias em trânsito



JOÃO NGOLA TRINDADE

Se pensarmos que a nossa cosmovisão seja criada no «nosso» microcosmo do qual «nunca saímos», se o associarmos a tudo quanto nos rodeia, conhecemos e diz respeito a

nós, o "estrangeiro" será certamente um mundo inexistente para alguns, e com o qual muitos não se identificam.

Aos factores mencionados adiciona-se a indiferença, a distância (física e psicológica) que separa uns e outros e a sobrevalorização do "nacional" em detrimento do "estrangeiro".

Comparado a um objecto incober nas trevas e excluído da memória, o "estrangeiro", ou desconhecido, ganha espaço no imaginário quando revelado na obra de um escritor.

O vivido, as vivências, experiências, apontamentos, anotações, diários e a imagem apreendida conformam a memória que informa o processo criativo.

O efémero - irrepitível talvez seja o termo mais adequado para referir aquilo que recebe significado e valor - subsiste na memória sob a forma de "vestígios" (ALBERTI 2004:33-34) sobre os quais se constrói a obra literária. Deste modo, o processo criativo desenrola-se com a acção da memória, a fixação e a permanência do instantâneo.

Escrever é de facto um acto de criação a partir do preexistente, um processo de transformação da matéria, de produção, preservação e transmissão da memória, um modo de recriação da imagem por meio da palavra.

Ancorada na geografia, a obra de

um escritor - vemo-lo como o emissor de imagens de uma realidade que desconhecíamos - é um testemunho de factos registados durante a sua permanência (curta ou prolongada) num País, cidade, município, vila, etc.

Viajando com as palavras, ultrapassamos a fronteira que nos separa (va) do outro mundo, penetramos no seu interior, ficamos com a sensação de sermos parte deste mundo e identificamo-nos com ele.

Queiramos ou não, o escritor "reflete sempre em cada um dos seus actos, a realidade ambiente" (NETO 2009:17), de maneira que a representação da realidade implica conhecimento da mesma.

De acordo com Agostinho Neto (2009:17), para o escritor angolano, a interpretação da existência não deixa de estar submetida a regra mencionada anteriormente.

Enquanto alguns escritores angolanos

lanos retiram da tradição oral material para a produção literária, escritores como José Mena Abrantes (2011:162-163) e José Eduardo Agualusa (apud LABAN 2011:139) escrevem algumas das suas obras baseando-se na realidade dos países para aonde viajam frequentemente.

Na Curva do Cão Morto, obra da autoria de Mena Abrantes (2011:162-163), retrata aspectos relacionados com Frankfurt, Lisboa e Luanda. O escritor viveu em Portugal durante oito anos e em virtude do controle exercido pela polícia política portuguesa exilou-se na Alemanha Federal.

Durante esta fase da sua vida, o escritor conheceu grande parte dos países da Europa Ocidental, tendo após o seu regresso a Angola (onde trabalhou como jornalista) conhecido a maioria dos países africanos, da Europa do Leste, da Ásia e da América do Norte e do Sul. A sua obra resulta da transformação do material extraído nos países para aonde viajou antes da proclamação da independência nacional.

De nacionalidade angolana, José Eduardo Agualusa (apud CRISTÓVÃO 2011:139) considera-se lusoafro-brasileiro em função da sua vivência em Angola, Portugal, Brasil e Moçambique.

Tendo em conta a importância atribuída à nacionalidade literária de um escritor, e em função do conceito de Literatura Angolana defendido por alguns críticos, a obra de José Eduardo Agualusa tem sido excluída da Literatura Angolana por alguns círculos literários.

Com efeito, a obra literária pode ser o retrato dos países com os quais o escritor mantém contacto e se identifica, o que não significa que ele tenha rejeitado a sua nacionalidade.

A nacionalidade literária é uma questão que tem importância apenas em "países novos" e que na perspectiva de Michel Laban (2011:138), não é "crucial", pois ao longo da história da literatura encontramos muitos "escritores transnacionais", como Kafka, Joseph Conrad ou Becket.

Logo, "a obra de um escritor pode pertencer a vários países".

Bibliografia

ABRANTES, José Mena, «Depois de Descobertos, Os Nossos Novos Caminhos Só Podem Ser Encantados». In: CRISTÓVÃO, Aguiñaldo, Pessoas Com Quem Falar. Luanda: União dos Escritores Angolanos & Aguiñaldo Cristóvão, Tomo III, 1ª edição, 2011, pp.143-172. ALBERTI, Verena, Ouvir Contar - Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

LABAN, Michel, «As Literaturas Provenientes dos Países Ricos Têm Maior Aceitação». In: CRISTÓVÃO, Aguiñaldo, Pessoas Com Quem Falar. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1ª edição, 2011, pp.132-142.

NETO, Agostinho, 1979... Ainda o Meu Sonho... (Discursos sobre a Cultura Nacional). Luanda: Arquivo Nacional de Angola, 2009.



Peregrinação Crioula, de Paulo Branco Lima

Launched in June of last year by the publisher Aquarela Brasileira Livros, the novel *Peregrinação Crioula*, by the author of Angolan origin Paulo Branco Lima, sold well during the summer months of 2019, leading to a new edition for a short time.

Peregrinação Crioula consists of a fictionalized account of a sailor's journey on the deck of a school ship in contemporary Cape Verde, during a journey to the archipelago of Cape Verde. Through a fictional device in the process of writing of a diary of navigation, the narrator, as the measure that takes contact with the islands and the Cape Verdean people, shares his path in the interior marked by self-discovery and search for identity. In this confrontation, the book unfolds in a post-modern look at *Peregrinação*, the work of Fernão

Mendes Pinto. Functioning as an inter-textual game, various characters of the novel are reconfigured, in the same way, and in a close coexistence between Portuguese and Cape Verdean Creole, crucial moments such as the delivery of the *espingarda* in Japan, the *demónios* of *Pocasser* or the island of *Calempuy*.

In the words of Abílio Hernandez, lecturer in History and Aesthetics at the University of Coimbra, "Paulo Branco Lima explores the labyrinths of memory and the past so that in the end of the errand it can produce equilibrium and catharsis. From this errand, not only the itinerary that is offered, but also the portrait of itinerants, those who wander, it is, of those who err, pursuing happiness."

For Pires Laranjeira, specialist in Literatures and African Cultures, it is a "book of writing, measured, methodical, visual, of des-

||
"Paulo Branco Lima percorre os labirintos da memória e do passado para que no final da errância se possa produzir o equilíbrio e a catarse. Desta errância, não é só o itinerário que nos é oferecido, é também o retrato dos itinerantes, dos que vagueiam, isto é, dos que erram, perseguindo a felicidade."

||
creve com minúcia e empolga pela força da palavra directamente testemunhal, mas cruzada com a matriz renascentista: marinheiros-aprendizes, rotinas apertadas, trabalhos e dias duros, espaços e sujeitos enclausurados num oceano de espantos e águas abertas, à descoberta de si. Como em Mendes Pinto ou no romance reportagem norte-americano, a aventura na simplicidade das vidas jovens, na riqueza da narrativa de formação. Um encontro com o mundo novo das ilhas crioulas, numa poética da relação, como dizia Glissant."

Como destaca Soraia Simões (Mural Sonoro/ Instituto de História Contemporânea/FCSH NOVA) na sua recensão crítica publicada no site Esquerda.Net "à primeira vista, desde logo pela capa, parece que estamos perante mais uma obra de glorificação do passado quinhentista nacional, mas não. O autor, centrando-se numa rota marítima por latitudes africanas, desenvolve descrições pormenorizadas de marinharia e do funcionamento interno do veleiro que, à medida que os episódios avançam, vão ganhando contornos inesperadamente críticos do período colonial português."

Biografia do autor

Paulo Branco Lima é escritor, actor, performer, investigador literário e produtor cultural. Licenciado em Jornalismo e Mestre em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra, em 2013 publicou o romance *Origem e Ruína* na chancela Chiado Editora. Enquanto autor, fomenta alicerces nas obras de William Faulkner, Camilo Castelo Branco, Pepetela, Vitorino Nemésio e Guimarães Rosa. Membro do Centro de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é colaborador regular da Revista de Estudos Literários e das publicações angolanas *O Chá* e *Jornal Cultural*. O seu trabalho foi destacado por vários veículos de comunicação em Portugal e África. Na actualidade exerce funções de produtor executivo no equipamento cultural Convento São Francisco, em Coimbra.

SONA JOBARTEH

As virtudes do Kora contra um continente ensimesmado



LUAMBA MUIंगा

Sona anuncia a última música, no primeiro de dois de concertos que deu este fim-de-semana. Mas antes que o público pudesse ouvir Kanu e despedir-se da artista, no palco da Casa das Artes, Sona Jobarteh falou aos governos africanos em nome de uma educação digna. “Devemos nos preocupar não com o número de salas ou escolas que são inauguradas, mas sim com o que se passa lá dentro.”

Comprometida com a causa da educação dos jovens, sobretudo jovens mulheres provenientes de famílias de baixa renda, as causas da identidade e do fortalecimento da tradição, a artista gambiana não deixa que as suas músicas sejam ouvidas sem o mínimo de contexto e reflexão.

Sona Jobarteh é a primeira mulher virtuosa no Kora e vem de uma das principais famílias de Griots no Ocidente de África. O primeiro facto a torna na primeira mulher a ir contra

uma tradição dominada por homens na cultura ocidental africana, quebrando assim uma linhagem de ensino do Kora transmitida de pai para filho há mais de sete séculos.

“Aprendi rápido, aos três ou quatro anos, com o meu irmão [Tunde Jegede],” diz a artista quando perguntada sobre o primeiro contacto com o Kora. O avô ensinou o pai e este ao irmão. Aprender o essencial naquela idade e o contacto com a família gambiana, enquanto estudava em Londres, onde também nascera em 1983, ajudaram para que desenvolvesse a habilidade.

A sua reputação internacional advém da sua inquestionável habilidade com o instrumento, além de uma voz distinta e de composições contagiosas, que se consolidaram no aclamado álbum “Fasiya” (que significa Herança), lançado em 2011.

Depois do álbum Sona teve uma ascensão internacional como nunca antes, tendo actuado em vários palcos pelo mundo e a questão da língua

Em 2014, Sona fundou com seus próprios recursos a escola de música Amadu Bansang Jobarteh, em homenagem ao avô, que foi um ícone cultural da história da Gambia, e é a primeira escola estabelecida no país que oferece uma formação integrada em música. A escola oferece formação gratuita para seus alunos, que são maioritariamente órfãos ou vindos de uma família de baixa renda.

com que faz a sua arte não a dificuldade de actuar em sítios como a Polónia, Coreia do Sul ou México. É muito raro actuar em um sítio onde haja pessoas

que entendam a sua língua, os dois concertos em Angola não fazem excepção, e isto acaba por ser positivo por ser “uma maneira de aprender e descobrir mais sobre os outros.”

SOBRE QUEBRAR A TRADIÇÃO

O tema tradição, e o facto de ter quebrado uma milenar, andam sempre associados à sua arte e à sua atividade de educadora: “Vemos a tradição na perspectiva dos nossos contextos. Uma coisa relevante de perceber é que coisas que não mudam dificilmente sobrevivem no tempo,” defende a artista, que vai mais distante separando que há diferença “entre as mudanças que se afastam demasiado e destroem as tradições e as mudanças que fortalecem a tradição.”

Acredita que a tradição deve sobreviver como valor para o mundo todo e não apenas para uma localidade. Acredita mais ainda que essas mudanças devem acompanhar ao alerta para “as fortes tendências de culturas em destruição por não serem

reavaliadas.”

Sona vê a si não como alguém a quebrar a tradição, sendo uma mulher tocando um instrumento associado aos homens, mas como alguém que estaria a reforçar essa tradição para construir um ambiente natural para que mais mulheres possam tocar Kora sem os julgamentos do género.

“Tem de haver uma mudança necessária para incorporar as mulheres de forma natural, e não somente em questão de música. Porque estamos a perder cidadãos nossos, não somente mulheres, para outras culturas. Vivemos agora num mundo globalizado, que tipo de mudanças deve acontecer para que essas pessoas encontrem novas formas de comunicar e de se expressar nas suas próprias culturas? Não se trata de dividir homens e mulheres por meio de tarefas, isto funcionou há duzentos anos, temos hoje outros desafios que incluem os dois lados.”

Acredita ainda que as pessoas usam a ideia de quebrar a tradição no sentido de haver um desencorajamento no trabalho de criar união em aspectos que podem fortalecer a tradição. “Precisamos quebrar essas divisões, evitando a marginalização das mulheres, dos jovens, de pessoas por serem de determinadas famílias. Estamos a limitar a nós mesmos. A questão do género e das classes são importantes.”

COMO PROMOVER A TRADIÇÃO PARA GERAÇÕES FUTURAS

Em 2014, Sona fundou com seus próprios recursos a escola de música Amadu Bansang Jobarteh, em homenagem ao avô, que foi um ícone cultural da história da Gambia, e é a primeira escola estabelecida no país que oferece uma formação integrada em música.

A escola oferece formação gratuita para seus alunos, que são maioritariamente órfãos ou vindos de uma família de baixa renda. O seu engajamento em prol do progresso social faz com que a sua escola não ensine apenas a música Mandinga, uma das mais antigas vertentes musicais da região. “Toda a vez que falo em educação digna não me refiro a centros académicos ou escolas de verão, mas na educação diária, sem marginalizarmos a história, tradição e a cultura local.”

Sona reconhece que a sua reputação como virtuosa do Kora está associada a alguns privilégios, como os de ter nascido de uma família com forte tradição musical, de ter crescido em Londres e de ter uma pele mais clara, mas questiona-os. “É uma das principais coisas com que luto.” E pretende saber se não usasse esses privilégios quem poderia começar esse processo de questionar as estruturas tradicionais.

Dizem-lhe sempre que “poderia estar na Europa ou América por causa da minha pele e não me preocupar”, mas aí é onde está o problema, julga. “Temos um sistema que alimenta o fascínio pela cor e é preciso haver alguém que alerta para essas



questões e eu tive essa oportunidade de fazê-lo com jovens sem uma educação,” avança.

As instituições africanas são o alvo da recentemente nomeada Embaixadora Global pelo UN-Habitat; “não estão a fazer esse trabalho, o governo do meu país não está a fazer este trabalho.”

Julga que “devia ser ilegal haver essa propaganda contra as mulheres a provar-lhes que não são suficientemente boas.” Conta o facto de trabalhar com jovens na sua academia que dizem “não gostarem a forma como Deus as fez, por serem tão negras. Esta é uma história que se repete, seja na Nigéria, Gana, África do Sul, ou qualquer outra parte do continente.”

RACISMO, TRÁFICO DE MENORES E TURISMO SEXUAL NA GAMBIA, TEMAS PARA O NOVO ÁLBUM?

Sona Jobarteh vem actuando em vários concertos com o mesmo álbum desde o seu lançamento em 2011, variando apenas quando adiciona o single Gambia de 2015, que a tornou ainda mais mediática, ou ainda reinterpretando temas tradicionais, como é o caso de Kaira (que significa paz). Este Fasiya, que são 53 minutos de talento e virtuosismo, é uma revisitação da artista à tradição Mandinga. Faixas Mamamouso (escrita para sua avó em homenagem aos seus ensinamentos) e Gainaako (sobre o povo

Fula, outra etnia predominante na Gambia), são exemplos disso.

No entanto, para um novo trabalho (que poderá ser apresentado em 2020) Sona pretende essa espécie de obsessão em usar sua reputação para construir com uma consciência social e económica, consciência de género e raça, além de promover uma mensagem faça as jovens mulheres “orgulhosas de si”.

Mas a artista percebe que existem territórios movediços em conduzir a sua música por temáticas direcionadas, por isso pretende que o novo álbum crie “um equilíbrio entre tratar questões sociais da Gambia e problemas generalizados no continente. No próximo álbum pretendo levantar questões que as pessoas deviam reflectir.”

Outra revelação que faz é que o novo trabalho poderá abarcar uma musicalidade diferente do anterior. O trabalho será mais repleto de colaborações. Enquanto o anterior era uma submersão à tradição, este novo álbum é uma emersão à ela.

A RELAÇÃO DS SUA MÚSICA COM O ACLAMADO AFROPOP

Quanto a características da sua música, Sona distingue-se de seus contemporâneos ao não misturar sua composição tradicional a ritmos mais ocidentais. No entanto, a associação a rótulos para descrever a sua música, como a chamam pre-

tensiosamente de afropop, não tem escapado. Por isso a artista cria um alerta:

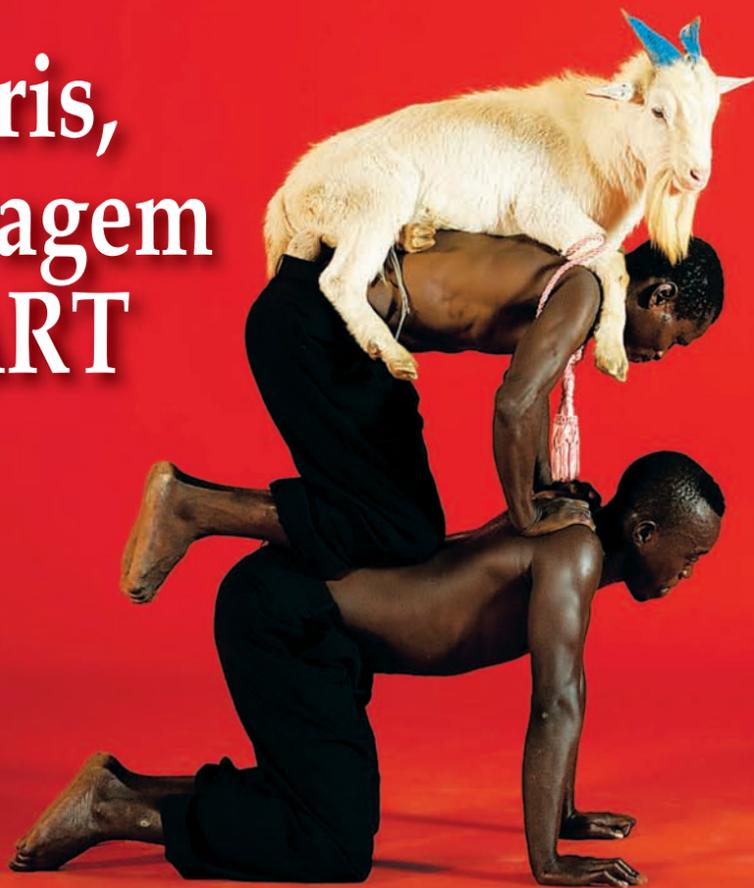
“Sou muito cuidadosa em descrever a minha música em relação a outros músicos do continente. Há um grande encorajamento em criar divisões e desassociar significados. O que pretendo dizer é que se um artista tem alguma coisa valiosa para mostrar, há sempre a intenção de retirá-lo das suas bases. Em medir artistas em percentagens da sua identidade musical.”

Os alertas da artistas, que já participou em várias bandas sonoras de produções de Hollywood, vão mais a fundo, “precisamos questionar essas terminologias, não podemos ver artistas africanos dentro de uma mistura externa. A música de Salif Keita, de Mory Kanté ou Youssou N'dour é cem por cento africana, não precisa ser revista através destes espectros.”

Bibliografia

Luamba Muinga é reporter de arte, especializado em artes visuais com incidência na crítica de arte. Pesquisa sobre políticas públicas para cultura. É co-fundador da revista eletrónica de artes *Palavra&Arte* e actualmente coordena a *Iniciativa Privada - Comunicação e Conteúdos*, estúdio criativo com enfoque em produtos comunicacionais e culturais.

AKAA Paris, próxima paragem da MOVART



A MOVART vai, pela primeira vez, entrar na maior feira dedicada à arte contemporânea e design africano, a AKAA – Feira Internacional de Arte Africana de Paris, uma montra para as energias criativas de África, que tem como objectivo influenciar a arte contemporânea em todo o mundo.

Para essa estreia, a galeria convidou os artistas KEYEZUA (Angola), MÁRIO MACILAU (Moçambique) e RENÉ TAVARES (São Tomé e Príncipe).

"Floathing Nightmares" será a obra apresentada por KEYEZUA na feira, série especialmente criada para o BredaPhoto, um trabalho focado no cenário do futuro despótico em que os migrantes africanos são infectados por traficantes de seres humanos com um vírus misterioso. Não sentem dor nem têm emoções!

Sem conseguir resistir, os migrantes tornam-se as vítimas não-dispostas do tráfico humano e da escravidão moderna.

Com a série "Fé", MÁRIO MACILAU, documenta do "animismo", a prática do animismo na cultura moçambicana da actualidade. Este animismo é herdeiro de formas tradicionais de religião nas quais se acreditava existirem espíritos que habitam os objectos e os fenómenos da natureza: assim se explicava a influência dos espíritos dos antepassados na existência dos vivos. "Através das suas práticas, estas religiões tradicionais preservaram as antigas tradições culturais de Moçambique. Tais práticas incluem ensinamentos, medicina tradicional, métodos de cura, ritos de passagem para os jovens (mulheres e homens) e aconselhamento sobre as condutas a observar entre os membros de uma comunidade."

Integrado no Projeto Tchiloli Unlimited, a série ACTOR - NOT AN ACTOR funciona como mais uma plena pesquisa pessoal que René Tavares vem

||
A MOVART acredita na criação de um mundo globalizado, onde prevaleça uma expansão cada vez maior do pensamento e da sensibilidade, por isso, expõe as pessoas à diversas realidades, pois busca nossa humanidade comum e fomenta a construção de um olhar mais crítico sobre mundo em que vivemos, e é na arte que encontra a ferramenta essencial para se alcançar tais ideais.

||
desenvolvendo ao longo do seu trabalho em torno de património de São Tomé e Príncipe.

A serie ACTOR - NOT AN ACTOR traduz um espaço de memória colectiva que confronta dois tempos, e mostramos como a permeabilidade da história alimenta os valores sociais e culturais. Toda a fotografia é uma encenação que aproxima cada "actor" da recriação da história e exalta o ambiente no qual assume a função de guardião do seu papel, tanto na vida como no teatro.

É um lugar de fruição estética e lúdica, e a teatralização de uma ontologia, uma reflexão em acto sobre os valores morais, sobre diferentes concepções da pessoa e o seu lugar no mundo, sobre o mundo e as suas fronteiras.

MOVART

A MOVART – primeira galeria comercial em Angola – abriu suas portas no início de 2017 na Marginal de Luanda. Tendo como sua mais importante missão, garantir que o mundo conheça tu-

do o que a África e sua diáspora têm para oferecer – não por uma noção de "alteridade" ou exotismo, mas porque esses artistas expressam realidades e discursos muitas vezes invisíveis, ou sub-representados, no cenário artístico internacional.

A MOVART acedeu a novos mercados participando de várias feiras de arte em Nova York, Miami, Joanesburgo, Cidade do Cabo e Londres – provocando impacto e grande admiração em colecionadores e visitantes. Com foco em artistas angolanos, a MOVART está empenhada em elevar o seu perfil internacionalmente, expondo para uma audiência global a rica linguagem artística de um país pouco conhecido. A galeria MOVART também pretende ser um espaço para discussões dinâmicas e contribuições inovadoras em assuntos específicos de Angola e da África.

A MOVART acredita na criação de um mundo globalizado, onde prevaleça uma expansão cada vez maior do pensamento e da sensibilidade, por isso, expõe as pessoas à diversas realidades, pois busca nossa humanidade comum e fomenta a construção de um olhar mais crítico sobre mundo em que vivemos, e é na arte que encontra a ferramenta essencial para se alcançar tais ideais.



AKAA PARIS
9 - 11 Novembro 2019
MOVART GALLERY - BOOTH C12

KEYEZUA | RENÉ TAVARES | MÁRIO MACILAU



Seguimos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, diz Edgar Morin



ÚRSULA PASSOS *

Edgar Morin é um dos mais importantes e relevantes pensadores vivos. Prestes a completar 98 anos, em Julho, segue escrevendo e expondo ideias em conferências em universidades e eventos.

O francês de origem judaica é um grande intelectual público, sempre disposto a participar do debate, seja ele sobre o conflito na Palestina, cinema, transgênicos, aquecimento global ou imigração.

Morin deve boa parte de seu sucesso ao pensamento complexo, conceito defendido por ele segundo o qual o conhecimento só é possível pela transdisciplinaridade.

Essa ideia impactou o pensamento sobre educação no mundo todo. Tanto que, em 1999 foi convidado pela Unesco a escrever um livro explicitando as modificações que julga necessárias na educação: "Os Sete Saberes Necessários à Educação no Futuro", disponível em português.

Morin conversou com a Folha em São Paulo, onde esteve na semana passada para uma conferência sobre prazer estético e arte no Sesc. Ao longo da entrevista, acompanhado por uma caipirinha, sorriu bastante e bateu na mesa em momentos de indignação.

O senhor frequentemente fala da prosa e da poesia na vida, sendo a

prosa a sobrevivência, o cotidiano do que somos obrigados a fazer, e a poesia, as relações de afecto, o jogo. O espaço da poesia está diminuindo e a prosa está ganhando?

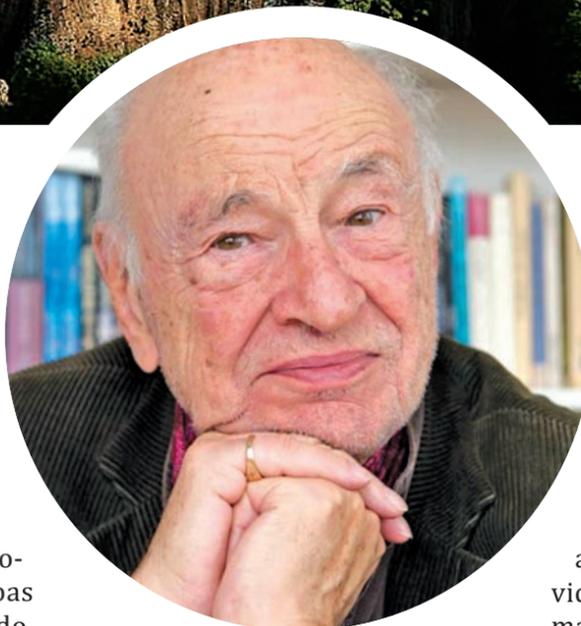
Ela não poderá jamais vencer totalmente, mas eu diria que a prosa fez progressos consideráveis com a industrialização não só do trabalho mas da vida, com a burocratização que encerra as pessoas num pequeno espaço especializado, com a técnica, que se serviu tanto dos homens quanto dos materiais.

Mas há uma resistência da poesia na vida privada, nas relações amorosas, de amizade, nos afectos, no prazer do jogo, no futebol, por exemplo. Há momentos de ambiguidade e devemos resistir a esse progresso enorme da prosa, que significa uma degradação da qualidade de vida.

O senhor tem uma conta bastante activa no Twitter; ela é uma ferramenta de divulgação do seu trabalho?

É uma forma de me expressar, de expressar ideias que me ocorrem, reacções que tenho frente a acontecimentos e de uma forma muito concentrada. É um exercício de estilo, que permite que eu expresse e comunique aos outros o que penso e vejo em diferentes momentos do dia.

O senhor fala de um mundo padronizado, uniformizado. Como ficam



o pensamento e a arte?

Vivemos uma crise do pensamento. Aprendemos no nosso sistema de ensino a conhecer separando as coisas de maneira hermética segundo disciplinas. Os grandes problemas, porém, requerem associar os conhecimentos vindos de disciplinas diversas. Isso não é possível, dada a lógica que comanda o nosso modo de conhecer e de pensar.

Temos uma crise do pensamento que se manifesta no vazio total do pensamento político, ainda que, há coisa de um século, houvesse pensadores políticos que, mesmo quando se equivocavam, tentavam compreender o mundo, como Karl Marx e Tocqueville.

O meu esforço nas minhas obras é tentar efectivamente esse pensamento. O que estamos vivendo? O que está acontecendo? Para onde estamos in-

do? Claro que não posso fazer profecias, mas vejo o risco nas possibilidades que se abrem diante de nós.

Qual o maior desafio do ensino?

Não inserimos no programa temas que podem ajudar os jovens, sobretudo quando virarem adultos, a enfrentar os problemas da vida. Distribuímos o conhecimento, mas não dizemos que ele pode ser uma forma de traduzir a realidade e que podemos cair no erro e na ilusão.

Não ensinamos a compreensão do outro, que é fundamental nos nossos dias, não ensinamos a incerteza, o que é o ser humano, como se nossa identidade humana não fosse de nenhum interesse. As coisas mais importantes a saber não se ensinam.

O senhor disse numa conferência recente que a democracia ficou rasa e que a consciência democrática está degradada. Esse diagnóstico vale para o mundo todo? Como chegamos a isso?

Chegamos progressivamente, primeiro porque as antigas concepções políticas se deterioraram e chegamos a uma política da urgência e do imediato. E, como sempre digo, ao sacrificar o essencial pelo que é urgente, acaba-se por esquecer a urgência do essencial.

A crise da democracia se deve aos enormes poderes do dinheiro terem levado a casos de corrupção em todo lugar. O vazio do pensamento, somado a essa corrupção, leva a uma perda de confiança na democracia, e isso favoreceu os regimes neautoritários, como vimos na Turquia, Rússia, Hungria e como vemos agora na crise da democracia no Peru e no Brasil.

A regressão histórica começou muito fortemente com os anos Thatcher e Reagan, que no fim do século passado impuseram a regra do liberalismo económico absoluto, como se as leis da concorrência pudessem regar e melhorar todos os problemas sociais, mas isso só favoreceu a especulação e a força do dinheiro, que controla a política.

A crise da democracia é o controle do poder político pelo poder financeiro, que é cego, que vê só os interesses imediatos, não tem consciência do destino da humanidade. A prova é a degradação da biosfera, que é evidente, e que vemos na degradação da Amazônia ou na poluição das cidades, por exemplo, mas que é ignorada em detrimento de um benefício imediato. Assim, damo-nos conta de que vivemos em uma época de cegueira e de sonambulismo. Isso participa na crise da democracia.

Eu vivi — sou muito velho, como sabe — nos anos 1930 e 1940, um período da ascensão da guerra, vínhamos de uma época em que acreditávamos estar em paz, mas numa crise económica enorme que provocou a chegada de Hitler ao poder por vias democráticas.

Vivemos esse período como sonâmbulos, sem saber que íamos em direcção ao desastre. Continuamos como sonâmbulos e estamos indo rumo ao desastre, em condições diferentes. O que é certo é o desastre ecológico, e o desastre dos fanatismos.

A menos que as pessoas tomem consciência da comunidade de destino dos humanos sobre a Terra, as pessoas se fecharão em suas identidades religiosas, étnicas etc. Vivemos um período obscuro da história, a única consolação é que esses períodos obscuros não são eternos.

Vemos hoje uma política das identidades. Como conciliar a democracia, o espírito republicano e as lutas identitárias?

Uma nação é sempre a unidade de diversidades. Se não se vê a unidade, ela se empobrece e perde sua diversidade, e se só se vê a diversidade, ela perde a unidade. O comunitarismo é uma forma degenerada da diversidade necessária, é uma forma fechada para uma demanda justa de se manter ligado a suas origens. Infelizmente hoje perdemos a noção de unidade. Quando as comunidades se tornam importantes, elas esquecem a unidade nacional na qual se encontram.

Estamos numa época de interdependência. Concordo que as nações devam seguir soberanas, mas com soberania relativa, e não absoluta. Desde que haja um problema que diga res-

peito a toda a espécie humana, as nações deveriam subordinar seus interesses ao interesse colectivo.

O senhor já disse algumas vezes que o sul global, como chama, representa um pensamento anti-hegemónico. Ainda é o caso com a globalização?

A globalização é a hegemonia dos valores do norte sobre o sul, é a continuação, por meios económicos, da colonização, que era política. O sul deve resguardar o que conseguir — como os modos de viver — como resistência à hiperforça da técnica, do lucro, do sucesso, e deve conservar a noção de poesia na vida, essa é a missão do sul.

Como fazer isso em países pobres, de democracias instáveis, países menos expressivos no jogo político global?

Não há uma receita. É preciso resguardar o que há de resistência, valores universalistas, humanistas e planetários, guardá-los enquanto preparamos tempos melhores.

Estamos num movimento perpétuo no qual há um conflito entre as forças de união, de abertura, de democracia, fraternidade, e as forças de luta, de desprezo, de degradação e de morte. Esse conflito, como dizia Freud, entre Eros e Tanatos, é um conflito que existe desde o começo do universo e vai continuar. A questão é saber de que lado se está. Essa é a única questão, o futuro ninguém conhece.

Como pensar modos de combater as fake news?

As fake news não têm nada de novo, sempre houve notícias falsas. Durante uma dezena de anos a União Soviética dava informações falsas sobre o que acontecia com ela, a China de Mao Tsé-tung também, o sistema hitlerista escondeu os campos de concentração. As mentiras políticas e as notícias falsas não são novas, são banais, o novo é a internet, a difusão de notícias que podem vir de qualquer lugar.

O problema é que, se quisermos informar o mundo, precisamos de pluralidade de fontes de informação e pluralidade de opiniões. Precisamos de uma imprensa diversa, com opiniões diversas, para que possamos fazer escolhas. Quando a imprensa perde sua diversidade, quando ela é controlada pela força do dinheiro, há uma diminuição do conhecimento e da informação.



A regressão histórica começou muito fortemente com os anos Thatcher e Reagan, que no fim do século passado impuseram a regra do liberalismo económico absoluto, como se as leis da concorrência pudessem regar e melhorar todos os problemas sociais, mas isso só favoreceu a especulação e a força do dinheiro, que controla a política.



O senhor sempre menciona o deus de Espinosa, que é intrínseco ao mundo, e não exterior a ele. Mesmo com toda a técnica e ciência que temos, as pessoas seguem com suas crenças num deus transcendental...

Todas as sociedades, desde a pré-história, têm uma religião, uma crença na vida após a morte. A religião traz pela reza um sentimento que dá calma. Marx tinha razão ao dizer que a religião é o suspiro da criatura infeliz.

Com a morte do comunismo, houve um retorno das religiões. Temos o retorno dos evangélicos aqui no Brasil, do islamismo. Nos países árabes houve movimentos laicos enormes, mas tudo deu errado. A religião ganha onde a democracia falha, a revolução fracassa, o mundo moderno falha. A religião triunfa no fracasso da modernidade.

Como aceitar a incerteza e lidar com a angústia ou até mesmo o cinismo que advém disso?

Mais do que sucumbir à incerteza, que nos dá angústia e medo, e que nos leva a buscar culpados e bodes expiatórios, é preciso enfrentar a incerteza com coragem, com ideias humanistas de fraternidade. As ciências acharam formas de encontrar certezas em incertezas. Eu digo sempre que a vida é uma navegação num oceano de incertezas passando por arquipélagos de certezas. Assim é a vida, não se pode mascarar a realidade.

O que o estimula a continuar escrevendo e dando conferências?

Há um demónio em mim, uma força no meu interior de intensa curiosidade. Eu conservei uma curiosidade da infância — eu tive um grande choque aos dez anos com a morte da minha mãe, eu envelheci muito, mas também isso me bloqueou na infância com a curiosidade e o amor pelo jogo. A sorte do mundo é cada vez mais incerta, não sabemos aonde vamos, então não podemos não estar preocupados com o futuro da espécie humana sobre a Terra.

Ainda há lugar para utopias?

Há duas utopias. A má e a boa. A má é sonhar com uma sociedade perfeita, totalmente harmonizada; isso não é possível. Mesmo numa sociedade melhor, sempre haverá conflitos. A perfeição não está no universo, não está na humanidade.

A boa utopia é sonhar com coisas impossíveis mas que são, de certa forma, possíveis intelectualmente.

Por exemplo, hoje há muita fome, mas poderíamos alimentar toda a humanidade, basta desenvolver as culturas, a agricultura orgânica. É possível criar uma sociedade nova com a paz sobre a Terra, podemos pensar no fim dos conflitos entre nações; essa é uma boa utopia. Um mundo que não seja totalmente dominado pelo poder económico e que seja mais fraterno — é preciso ainda ter utopias.

Às vésperas de completar 98 anos,

*Folha de São Paulo
*www.geledes.org.br

O impacto económico de ser mãe precoce

Novo estudo, em vários países, revela que mulheres que dão à luz antes dos 18 anos são afectadas economicamente para toda a vida

FRANCISCO NETO

Um novo estudo, conduzido pelo Population Council e Women Deliver, encontrou uma forte e consistente associação negativa ao longo da vida entre dar à luz antes dos 18 anos e o potencial económico de uma mulher. A pesquisa, divulgada a 6 de Junho de 2019 na Conferência Women Deliver 2019, a maior conferência mundial sobre igualdade de género e saúde, direitos e bem-estar de meninas e mulheres, aponta para a necessidade crítica de fortalecer a saúde e os direitos sexuais e reprodutivos e expandir as oportunidades económicas para meninas e mulheres ao longo das suas vidas.

"A capacidade de ganhar e controlar o dinheiro representa mais do que apenas ganhos - influencia a capacidade de uma mulher de fazer escolhas estratégicas de vida", disse Stephanie Psaki, PhD, vice-directora do Girl Center do Population Council. "Este é um dos primeiros estudos a mostrar consistentemente em muitos países e ambientes que ter um filho cedo pode afectar o potencial de ganhos futuros."

Com base nos dados do Inquérito Demográfico e de Saúde (DHS) nacionalmente representativos em 43 países de rendimento baixo e médio, representando mais de 600 milhões de mulheres, a análise concluiu que:

1. O parto antes dos 18 anos é generalizado. Apesar do declínio global nas taxas de gravidez em adolescentes nos últimos 25 anos, o estudo constatou que permanece comum em muitos países de baixa e média renda, particularmente na África Subsaariana, onde em quase uma dúzia de países pelo menos 30% das mulheres têm um filho antes dos 18 anos.

2. As mulheres que têm um filho antes dos 18 anos têm menos probabilidades de ganhar dinheiro pelo seu trabalho ao longo da vida. Mais especificamente, as mulheres (de 20 a 24 anos) que têm um filho antes dos 18 anos têm maior probabilidade de estarem empregadas a curto prazo; no entanto, eles são menos propensos a ganhar dinheiro no curto prazo em toda a sua vida reprodutiva.

3. A maioria das mulheres trabalha, mas se elas são pagas pelo seu trabalho é diferente. Em muitos países, as mulheres não têm controlo sobre os seus próprios ganhos. Na maioria dos países estudados, a maioria das mulheres trabalha; no entanto, se elas são pagas pelo seu trabalho ou não, isso varia muito, assim como sua capacidade de controlar seus ganhos. No Togo, por exemplo, entre as mulheres casadas e que coabitam, a maioria trabalha (86%), ganha dinheiro (62%) e mantém o controlo de seus ganhos (57%). Em contraste, a grande maioria das mulheres casadas e que coabitam no Burundi trabalha (94%), mas somente 16% ganham dinheiro e 4% mantêm o controlo sobre seus ganhos.

"O estudo examina questões complexas, mas as implicações são simples - para agilizar a igualdade de género, as mulheres precisam de ser capazes de controlar a sua própria fertilidade e seus próprios ganhos", disse Katja Iversen, presidente / CEO da Women Deliver. "Precisamos de investimento social no acesso a contraceptivos modernos, aborto seguro e educação sexual abrangente, bem como na expansão de oportunidades económicas para todas as meninas e mulheres."

A análise utilizou os dados mais recentes disponíveis do DHS (2012-2018) de 43 países e incluiu todas as mulheres com idades entre 20 e 49 anos, permitindo conclusões representativas a nível nacional que são comparáveis entre países e ao longo do tempo. Poucos estudos consideraram os efeitos de curto e longo prazo que um nascimento antes dos 18 anos tem no potencial de ganho das mulheres.

"O estudo confirma que os primeiros eventos da vida podem moldar a trajetória da vida de uma mulher jovem", disse Julia Bunting, OBE, presidente do Population Council. "Os formuladores de políticas precisam investir numa melhor compreensão das compensações que as meninas e mulheres enfrentam e dar prioridade a acções que garantam que meninas e mulheres tenham uma gama completa de opções de vida."



Quadro de Malangatana Valente Ngwenya



Quadro de Malangatana, Moçambique

Sobre as Organizações

A Women Deliver é uma defensora global líder que defende a igualdade de género e a saúde e os direitos de meninas e mulheres. A sua advocacia impulsiona o investimento - político e financeiro - na vida de meninas e mulheres em todo o mundo. Aproveitam as evidências e unem diversas vozes para estimular o compromisso com a igualdade de género. E têm obtido resultados. Ancorados na saúde sexual e reprodutiva, defendem os direitos de meninas e mulheres em todos os aspectos de suas vidas. Sabem que investir em meninas e mulheres proporciona progresso para todos.

O Conselho da População con-

fronta questões críticas de saúde e desenvolvimento - desde impedir a disseminação do HIV até melhorar a saúde reprodutiva e garantir que os jovens levem uma vida plena e produtiva. Por meio de pesquisas biomédicas, ciências sociais e saúde pública em 50 países, trabalham com parceiros para fornecer soluções que levem a políticas, programas e tecnologias mais eficazes que melhorem a vida em todo o mundo. Estabelecido em 1952 e sediado em Nova Iorque, o Conselho é uma organização não-governamental sem fins lucrativos, governada por um conselho internacional de administradores.

HELEN BRIGGS *

Nova pesquisa revela 'localização exata' do aparecimento do homem moderno

A área é actualmente tomada por salinas, mas já abrigou um enorme lago, que pode ter sido nosso lar ancestral há 200 mil anos.

Nossos ancestrais habitaram essa região por 70 mil anos, até que o clima local mudou, sugere um estudo publicado na revista científica Nature.

Eles começaram a se deslocar por meio de "corredores verdes" de terras férteis, abrindo caminho para futuras migrações para fora da África.

"Está claro há algum tempo que os seres humanos anatomicamente modernos apareceram na África há cerca de 200 mil anos", afirmou a professora Vanessa Hayes, geneticista do Instituto Garvan de Pesquisa Médica na Austrália.

"O que se debate há muito tempo é a localização exacta desse surgimento e a subsequente dispersão de nossos ancestrais mais antigos".

As conclusões da professora Hayes despertaram ceticismo, no entanto, entre outros pesquisadores da área.

REGIÃO DE LAGOS

A área em questão está localizada ao sul da bacia do Rio Zambeze, no norte de Botsuana.

Os pesquisadores acreditam que nossos ancestrais se estabeleceram perto de um imenso sistema de lagos da África, conhecido como Lago Makgadikgadi, que hoje é uma área de vastas salinas.

"É uma área extremamente grande, teria sido muito húmida e exuberante", disse Hayes. "E isso realmente forneceria um habitat propício para os seres humanos modernos e a vida selvagem viverem".

Após viverem lá por 70 mil anos, eles começaram a migrar. Uma mudança nos regimes de chuva na região levaram a três ondas de migração há 130 mil e 110 mil anos, impulsionadas pelos "corredores verdes" de terras férteis que foram se abrindo.

Os primeiros migrantes se aventuraram rumo a nordeste, seguidos por uma segunda onda de migração que se dirigiu para sudoeste — uma terceira parte da população permanece em sua terra natal até hoje.



A paisagem da região é muito mais árida hoje



Hayes aprendendo a fazer fogo com os caçadores Jul'hoansi no Deserto de Kalahari, na Namíbia

Esse cenário é baseado no rastreamento genético da árvore genealógica humana, realizado por meio da análise de centenas de amostras de DNA mitocondrial (o fragmento de DNA passado adiante pela linhagem materna — de mãe para filho) de africanos vivos.

Combinando genética com geologia e simulações de modelos climáticos pelo computador, os pesquisadores conseguiram criar uma imagem de como poderia ser o continente africano há 200 mil anos.

RECONSTRUINDO A HISTÓRIA HUMANA

O estudo foi recebido, no entanto, com cautela por um especialista, que afirma que não é possível reconstruir a história da origem humana apenas com base no DNA mitocondrial.

Outras análises geraram resultados diferentes — descobertas de fósseis sugerem que a origem remete à África Oriental.

O professor Chris Stringer, do Museu de História Natural de Londres, que não participou do estudo, afirmou que a evolução do Homo sapiens foi um processo complexo.

"Você não pode usar distribuições mitocondriais modernas isoladamente para reconstruir uma única localização para as origens humanas modernas", disse ele à BBC News.

"Acho que se está exigindo demais dos dados. Como você está olhando apenas para uma pequena parte do genoma, não é possível traçar a história completa das nossas origens".

Neste contexto, poderia ter havido vários "berços da humanidade", em vez de apenas um, que ainda não foram localizados.

MARCOS EVOLUTIVOS DA HISTÓRIA DA HUMANIDADE

– Há 400 mil anos: os neandertais (nossos primos evolutivos) começam a surgir e a se deslocar pela Europa e Ásia.

– De 300 mil a 200 mil anos atrás: Homo sapiens (homens modernos) aparecem na África.

– De 50 mil a 40 mil anos atrás: os homens modernos chegam à Europa.

*BBC

Quinta edição do Prémio Literário UCCLA Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa

Estão a decorrer, até ao dia 31 de Janeiro de 2020, as candidaturas à 5.ª edição do Prémio Literário UCCLA - Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa.

O Prémio Literário UCCLA - Novos Talentos, Novas Obras em Língua Portuguesa tem como objectivo estimular a produção de obras

literárias, nos domínios da prosa de ficção (romance, novela, conto e crónica) e da poesia, em língua portuguesa, por novos talentos escritores.

A participação na presente edição deverá ser feita até às 24h00 do dia 31/01/2020, por correio electrónico, para o endereço pre-

mioliterario@uccla.pt

São admitidas candidaturas de concorrentes que sejam pessoas singulares, de qualquer nacionalidade, fluentes na língua portuguesa. No caso dos menores de 18 anos, a atribuição de prémios ficará sujeita à entrega de declaração de aceitação pelos respectivos titula-

res do poder paternal. Apenas poderão candidatar-se ao presente prémio obras redigidas em língua portuguesa, que não tenham sido editadas/publicadas, em papel ou em formato digital e às quais não tenha sido atribuído anteriormente qualquer prémio, incluindo as obras em co-autoria.

FRANCISCO NETO

O Kamatumbo do luxuoso gabinete do 10º andar da Comandante Valódia mostrou-me que estava ainda na outra era. Recebeu-me como se fosse um cão. Naquele dia, achei-me tiritante subitamente. Da cabeça aos pés, meu corpo fora mareado por uma raiva sem medida. Ele, pensando que era o clima fresquinho do seu luxuoso gabinete que me deixava trémulo, pegou no comando do ar condicionado e aumentou a temperatura.

Acto contínuo, voltou a vomitar-me toda a peçonha que tinha no seu corpo adiposo. A minha raiva cresceu. Senti vontade de o degolar, lançar a sua gorda cabeça janela abaixo e, por último, sair à rua com as mãos sujas do seu sujo sangue e gritar para todos os cantos:

- Este homem estava preso naquela era!!! Queria humilhar-me, mas acabou humilhado nas minhas mãos!...

Findo o seu desprezível vômito, abandonei o seu gabinete. Meu corpo ainda fremia. Minha cabeça tentava encontrar justificação para aquele comportamento soez do Kamatumbo. "Em pleno tempo novo?!" - Indagava-me. Na rua, assustei ao ver o seu rosto gordo na janela.

- Volta aqui na segunda-feira, sem falta!!! - Gritou-me e fechou a janela.

Olhei à minha volta: a rua estava enxameada de gente. Na estrada, os carros seguiam velozes. De repente, imaginei na algazarra que seria caso eu degolasse o Kamatumbo e lançasse a sua cabeça gorda, que certamente é devoluta, à rua. Decerto todas aquelas pessoas fugiriam em debandada. Uma bulha de verdade.

No táxi, o cobrador perguntou-me se estava doente, pois ainda tremia. Antes de lhe responder, tirou uma lâmina de comprimidos Paracetamol, uma pequena garrafa de água e estendeu-mas. Eu disse que não estava doente. Estava nervoso por causa de um Kamatumbo que ainda continuava atolado naquele tempo.

O cobrador sorriu.

- Estes devem apanhar pontapés do rabo para abandonarem as cadeiras!... Ele é gordo, né?! - Indagou-me o cobrador.

- Já viste fininhos nestes lugares?! - Retruquei.

O cobrador voltou a sorrir. Para meu espanto, o riso dele, que era sonoro, acompanhou-nos até ao término. Não cobrou ninguém. Eu, ciente de que estava num tempo novo, tirei o dinheiro para lhe pagar. Assim que lhe estendi a mão, ele fechou a porta do Hiace e o motorista logo arrancou. O cobrador, sempre sorridente, levou a mão direita à testa. Bateu-me a pala.

Encolhi os ombros. Na cachola, meti indagação: "será que no novo tempo se viaja sem pagar?!". Segui à casa. Chegado, a tremura, que já havia abandonado o meu corpo, voltou. Sentei-me. Comecei a suar. Tremia e suave. Tremissuava bué. As roupas que me



cobriam, de tão molhadas como ficaram, eu parecia estar debaixo de um chuveiro. Nos sapatos, os meus pés nadavam.

Levantei-me. Com passos vagarosos, dirigi-me ao quarto de banho. Banhei-me. Findo, deixei-me estar sentado na sanita, em pelote. Voltei a pensar no Kamatumbo. A raiva voltou a comandar-me, mas já não tremia. Colei as duas mãos na cabeça. Magicava. De brusco, uma voz forte ecoou:

- Tu tens poder atávico. Tu és o astuto Xiku dya Nguxi da sanzala de Inácio. Não te deixes dobrar por aquele verme ignóbil. Usa o teu poder. Usa o teu feitiço. Feitiço não se guarda!!!

Estarreci-me. Lampeiro, olhei à volta. Eu estava sozinho.

- Caraças!... O Kamatumbo está a deixar-me maluc...

Sem terminar de falar, levantei-me com corrida nos pés. Na sala, escorreguei no charco deixado pelo meu suor. O baque da minha queda foi grandioso. Cai de costas, batendo com a cabeça no duro chão. Apaguei. Quando despertei, com asombro descobri que estava na manhã da segunda-feira, o dia de voltar à Comandante Valódia, para enfrentar o Kamatumbo. Estava atrasado.

Ao dirigir-me ao quarto de banho, lembrei-me daquela voz misteriosa: rapidamente, cambiei a rota dos pés.

Encolhi os ombros. Na cachola, meti indagação: "será que no novo tempo se viaja sem pagar?!". Segui à casa. Chegado, a tremura, que já havia abandonado o meu corpo, voltou. Sentei-me. Comecei a suar. Tremia e suave. Tremissuava bué. As roupas que me cobriam, de tão molhadas como ficaram, eu parecia estar debaixo de um chuveiro. Nos sapatos, os meus pés nadavam.

Fui ao quarto. Vesti-me. Saí. No táxi em que subi, encontrei silêncio tumular. Assim que me sentei, meu estômago correu com o silêncio. Emitiu ruído altíssimo. Qual gaiato famélico, clamava por comida. Ao meu rosto dirigiu-se o olhar de todos os passageiros, inclusive o do motorista, que passara a conduzir com o rosto virado para trás. A vergonha possuiu-me. Fechei os olhos. Levei as duas mãos ao rosto.

- Meu senhor, põe-te fora, pá!! En-

tão, pensas que estás onde?! Barulhar assim num táxi dos novos tempos?! - Expulsou-me o cobrador, um homem culto, cujo corte de cabelo era cheio e a barba bem aparada. Trajava uma fatiota amarela.

Apeado, petrifiquei-me. Faltaram-me as forças para andar. A vergonha que me comandava agigantara-se. Era maior do que eu.

- Seu retrógrado barulhento!! - À distância, vozeou-me o passageiro sentado no banco de frente. O Hiace já estava distante. Seu rosto era iracundo.

Desaparecido o Hiace, lembrei-me da voz misteriosa. Desejei ser um bruxo para eliminar aquela vergonha que me avassalava. Num súbito, a coragem do meu avô domou-me. A vergonha fugiu de mim com grande berrida. Revigorado, pus-me a andar. Na Comandante Valódia, encontrei o frenesi consuetudo a reinar. A rua estava abarrotada de pessoas. Umam eram passantes, outras conversavam sorridentes. Havia ainda outras tantas que faziam dela escritório de trabalho.

"Hoje, vão fugir. Hoje mesmo, a cabeça do Kamatumbo vem à rua. Vou degolá-lo. Aquele bandalho vai macular esta rua com o seu sangue imundo". - Pensei, pois já estava mesmo tomado por grande coragem atávica.

No 10º andar, testo, abri a porta do luxuoso gabinete do Kamatumbo

sem pedir permissão. Logo que entrou, antes mesmo de fechar a porta, meu olhar esbarrou com a chávena de café fumegante que estava sobre a sua secretária: o meu estômago soltou um grito maior do que o do Hiace do cobrador cordato. Porém, o Kamatumbo não se alterara. Não o ouvira, com certeza.

Fechei a porta ruidosamente. Kamatumbo não voltou a ouvir. Continuava com os seus olhos fixados no documento que lia. Puxei a cadeira e sentei-me à frente dele. Levei o meu olhar ao seu relógio. Eram 8 horas e 37 minutos. Com o meu olhar, recuei duas horas e meia no seu relógio.

Kamatumbo levou a chávena à boca. Depois de dois curtos tragos, porque o café estava muito quente, voltou a pousá-la. Olhou para o seu relógio. Espantou-se. Levantou-se com brusquidão. Foi à janela. Aberta, escabichou a rua, nos dois sentidos. Certamente, fora confirmar se as horas no seu relógio estavam certas. Fechou a janela. Novamente sentado, mais um sorvo no seu café. Encostou as costas à poltrona. Colocou as duas mãos sobre a sua grande pança. Fechou os olhos. O silêncio no luxuoso gabinete deu lugar aos seus ressones. Dormitava.

Eu prendi-lhe o meu olhar. Olhava o sobe-desce da sua pança, que era um poço de veneno. Era venenoso aquele homem. Acompanhando o seu bucho dançante, mudei de ideia. Não vou degolá-lo. Vou abrir-lhe a barriga para expurgar todo o veneno que nela há... pensava. No gabinete, subitamente, o restolho cresceu. Os meus ressones juntaram-se aos dele. Adormeci num repente.

- Kamatumbo!!!! - O vocífero do chefe do Kamatumbo arrancou-nos do sono.

Kamatumbo saltou da sua poltrona com grande susto. Levantou o seu forte braço direito, apontando para a cadeira onde eu estava, e gritou numa voz embargada:

- Chefe, olha a cobra. Cuidado!!

- Qual cobra? Estás a sonhar, seu preguiçoso dum raio. São horas de dormir, ó Kamatumbo?! Dormir enquanto temos muito trabalho por fazer?!!!

- É mesmo cobra, chefe! - Kamatumbo insistia, medroso. - É cobra, chefe, mas a cara dele é de cão, chefe.

- Cão?!

- Sim, Chefe. Daquele cão, não, daquele cidadão que atendi na sexta-feira.

- Cão cidadão que atendeste?! Põe-te daqui para fora. Estás demitido. Cão cidadão és tu que pensas que me enganas. És um inimigo dos novos tempos. Fora, seu cão!!! - O berro do chefe ultrapassou as paredes do gabinete luxuoso. Alcançou os ouvidos das pessoas que estavam na rua.

Levantei-me. Assim que dei o primeiro passo, Kamatumbo, medroso, lançou-se ao corpo do seu chefe. Este, arreliado, empurrou-o ao chão. Vendo-o numa fotografia dolente, soltei uma gargalhada de escárnio. Abandonei o gabinete. O chefe dele também saiu, mas antes de fechar a porta disse-lhe:

- Tens dez minutos para abandonar este gabinete. E leva a tua cobra, cão!

Na entrada do edifício, era grande o grupo de pessoas que a apinhava. Nos rostos, havia alegria. Todos queriam ver o Kamatumbo a passar, porque o ultimato de dez minutos que lhe fora dado também chegara aos seus ouvidos.

- Lá vem ele!!! - Alertou um deles, assim que Kamatumbo assomou.

- Cão Cidadão, fora!!! Querias enganar o chefe? Fora, Cão Cidadão!!! - Eufóricos, em uníssono, gritaram os demais.

Por parte das pessoas nasceu uma explosão de dichotes contra o antigo homem-forte do luxuoso gabinete do

10º andar da Comandante Valódia, sempre acompanhados de longas cachinadas. Kamatumbo, com as mãos vazias, tal como aí chegara, prendeu o olhar no chão. Perdera toda a petulância. Grande vergonha dominava-o. Andava lentamente, à guisa de cão que tinha a alma ferida. Faltava-lhe apenas a cauda entre as pernas.

Prémio Nacional de Cultura e Artes 2019 descomprime assédio político contra a Literatura

O Prémio Nacional de Cultura e Artes (PNCA), a mais distinção do Estado angolano aos fazedores de Artes e Letras, foi este ano entregue, na área da literatura, ao irreverente escritor José Eduardo Agualusa, velada ou, por vezes mesmo ostensivamente ostracizado por certas vozes da política e da cultura angolana, não tanto pela sua escrita, mas pelas suas intervenções polémicas no domínio da política e da poesia da geração da guerrilha. Esta "abertura" sugere uma clara descompressão do assédio político que o Governo angolano vinha mantendo sobre o mundo da Literatura, cuja praça forte era a União dos Escritores Angolanos.

O facto de o ter júri destacado a contribuição das obras de Agualusa "para o surgimento do leitor emancipado" e "para o fortalecimento da cidadania e da liberdade de expressão" é um claro manifesto de reconciliação do poder com os escritores contrários ao Estado patrimonial que vigorou durante décadas no país.

A acta do júri do prémio refere que José Eduardo Agualusa foi distinguido pelo seu contributo para a projecção da literatura angolana no mundo, graças a um "extenso e vital percurso criativo". "Eduardo Agualusa é suficientemente ousado, disruptivo e comprometido com as causas e problemáticas sociais e políticas fundamentais deste tempo, o que lhe permite, amiúde, posições intelectuais que privilegiam o dissenso, a controvérsia e a polémica reflexiva".

Para além do escritor José Eduardo Agualusa, o Prémio Nacional de Cultura e Artes 2019 consagrou, nas artes plásticas, o pintor Sebastião Joaquim N'Debele Cassule, conhecido como "Don Sebas Cassule", pelo percurso, pela inovação e pela participação em eventos nacionais e internacionais, que lhe valeram já prémios dentro e fora

do seu país. O júri destaca ainda a forte componente criativa da sua obra, consubstanciada em trabalhos de pintura e desenho, desenvolvida ao longo de mais de 20 anos "com muita perícia".

O compositor, intérprete e autor Alberto Teta Lando foi distinguido, a título póstumo, "pelo conjunto da sua obra, longa, rica, bela e dura trajectória musical que soube cantar os diferentes momentos históricos do país, misturando o drama das realidades do contexto vivido e a esperança de os angolanos reviverem a paz". As suas composições tornaram-se clássicos do cancionário angolano e continuam a ser interpretadas por artistas nacionais e estrangeiros, acrescenta o júri.

A promotora Globo Dikulu foi galardoadada na categoria teatro, pelo FESTECA - Festival Internacional de Teatro do Cazenga, um festival anual de teatro, realizado ao longo de 14 anos de forma "contínua e ascendente". O júri destaca a criatividade artística, a estética dos espectáculos e a forma peculiar de abordar questões da realidade do país da Globo Dikulu, que se tem servido do teatro para "influenciar positivamente o crescimento intelectual e sociocultural dos jovens sobre os usos e costumes de Angola".

O investigador António Domingos, "Toni Mulato", recebeu o prémio destinado à área da dança, pelo seu percurso dedicado à recuperação das danças carnavalescas, particularmente a dança "Cabeçinha", uma das poucas dan-

ças populares carnavalescas que mantêm os traços culturais da angolidade.

No cinema e audiovisual, o prémio coube a Dorivaldo Cortez, com o júri a destacar a "veia criativa" com que tem produzido obras audiovisuais para a educação sobre cidadania nacional.

A historiadora Constança Ceita foi a premiada no âmbito da Investigação em Ciências Humanas e Sociais, pela sua obra O estranho destino de um sertanejo na África Central e Austral: A transculturação de Silva Porto (1838-1890), atendendo ao "carácter inovador, a pertinência científica e académica" e o contributo para "um melhor conhecimento da sociedade angolana e por conseguinte para uma melhor compreensão das sociedades africanas".



Escritor José Eduardo Agualusa

Tumba de Genghis Khan até hoje desconhecida



Uma das figuras mais titânicas da história, que lutou através da Ásia para criar o maior império de terras já conhecido. Visto como um conquistador assassino que exterminou milhões em seu caminho - e como um herói de visão de futuro que promoveu a liberdade religiosa, incentivou o comércio e até criou o primeiro sistema postal internacional - o governante mongol é objecto de fascínio contínuo.

A intriga diz respeito não apenas à sua vida, mas à sua morte. Depois de quase 800 anos, a localização do local de descanso final de Genghis Khan permanece um mistério. A sua tumba e o seu conteúdo ofereceriam uma visão sem precedentes do império mongol do século XIII. Mas, segundo o próprio projecto do Khan, nunca foi feito para ser encontrado.

Genghis Khan foi nomeado Temüjin quando nasceu por volta de 1162. Seus anos de formação foram, no mínimo, turbulentos. Aos nove anos, o pai de Temüjin foi envenenado até à morte por membros de um clã tártaro rival. Ele, sua mãe e irmãos foram abandonados pelo seu próprio clã e deixados para morrer de fome. Pouco depois, Temüjin assassinou seu próprio meio-irmão. Em 1178, ele se casou com Börte, de 17 anos, que foi rapidamente sequestrada por membros de uma tribo Merkit e mantida por oito meses. Temüjin atacou os Merkits e recuperou Börte. Foi o primeiro do que se tornaria uma vida inteira de ataques violentos e saqueadores.

Em 1206, Temüjin, agora governante das planícies mongóis, havia subjugado e unido suas tribos em guerra, criando o Império Mongol. Ele adoptou o nome Genghis Khan



("líder universal") e iniciou uma série de conquistas violentas que resultariam num império que se estendia por cerca de 15 milhões de quilómetros quadrados, da costa do Pacífico da China à Europa Central. É impossível saber quantos morreram nas guerras de Genghis Khan, mas as estimativas dos estudiosos chegam a dezenas de milhões.

Como a sua vida, a morte de Genghis Khan, num campo de batalha chinês em 1227, rapidamente se tornou cercada por boatos e mitologia. Tifo, malária, bruxaria, raios e septicemia de uma ferida de flecha estão entre as causas especuladas da sua morte. Muito provavelmente, Genghis Khan morreu de uma causa relativamente mundana: ferimentos internos depois de cair do seu cavalo. Mas é aqui que as coisas ficam interessantes novamente.

Na cultura mongol do século XIII, os de alto status tendiam a ser enterrados numa planície aberta, juntamente com cavalos, armas, ouro e prata. Acreditava-se que o falecido precisaria desses itens e companheiros na sua jornada para a vida após a morte. Uma abordagem alternativa era fingir enterrar a pessoa morta perto do seu yurt, mas, na verdade, enterrá-los numa cova noutra lugar, com o seu escravo favorito. Essa pessoa, ainda viva, permaneceria na cova por três dias com o mestre falecido. Se sobrevivesse à experiência, era libertado e

tratado com reverência. Independentemente disso, o túmulo seria preenchido e pisado por cavalos e gado para esconder a localização.

Dada a extensão da sua pilhagem, o túmulo de Genghis Khan pode conter todos os tipos de tesouros antigos retirados de vastas faixas da China e da Pérsia. Mas ninguém sabe se o seu enterro estava de acordo com a tradição, porque a tumba nunca foi encontrada. Uma lenda conta que os escravos que o enterraram foram massacrados para garantir que nunca traíssem o local. (Então, apenas por uma boa medida, aqueles que fizeram o massacre foram massacrados.)

Embora a descoberta da tumba de Genghis Khan seja extremamente empolgante do ponto de vista arqueológico, hoje os mongóis não gostam de pessoas bisbilhotando as planícies procurando os ossos do seu antigo líder. O legado de Genghis Khan é complexo - seu extermínio generalizado de povos vencidos é difícil de compreender, mas ele também unificou as tribos das estepes em guerra, apoiou a liberdade religiosa e instituiu um sistema de escrita e um censo. Por esses motivos e muitos outros, os mongóis consideram Genghis Khan um herói nacional e consideram a ideia de arqueólogos que perturbam seus restos mortais um insulto.

Essa perspectiva não impediu que arqueólogos e leigos entrassem no projecto "Where's Genghis?" Em

1990, após o término da ocupação soviética da Mongólia, o arqueólogo mongol Dr. Diimaajav Erdenebaatar co-fundou a primeira expedição para encontrar o túmulo. Logo foi cancelado após indignação pública.

Um desenvolvimento mais recente foi o uso de imagens de satélite e crowdsourcing para procurar possíveis locais de tumbas. Em 2010, o projeto Valley of the Khans da National Geographic convidou voluntários com acesso à Internet a vasculhar imagens de alta resolução da Mongólia e pontos de bandeira que pareciam possíveis locais de sepultamento. Dez mil pessoas participaram, sinalizando 2,3 milhões de locais num período de mais de três anos. Os pesquisadores identificaram 100 locais acessíveis, 55 dos quais foram determinados como tendo significado arqueológico. Mas nenhum desses 55 é, até onde sabemos, o túmulo de Genghis Khan.

Vários locais sugeridos para sepulturas apareceram no registo histórico. Um lugar frequentemente mencionado é Burkan Khaldun, uma montanha na província de Khentii, no nordeste da Mongólia. Genghis Khan nasceu nas proximidades, e a montanha passou a ter um grande significado espiritual para ele. A História Secreta dos Mongóis, um texto mongol escrito anonimamente após a sua morte, afirma que Genghis Khan uma vez o elogiou da seguinte maneira: "Todas as manhãs vou sacrificar a Burqan Qaldun, todos os dias orarei a ele: os filhos de meus filhos devem estar atentos a isso e fazer o mesmo!" Faz sentido como um local de sepultamento, e ainda assim nenhum vestígio do governante mongol foi encontrado.

Burkhan Khaldun agora faz parte da Área Estritamente Protegida de Khan Khentii, o que significa que os pesquisadores estão proibidos de visitar.